

Exmº. Senhor

Prof. Doutor Jorge Filipe de Almeida

Caco e colega:

Respondo à sua carta de 10 de Julho de 2001. Antes de mais, quero cumprimentá-lo pela sua persistência em demonstrar uma tese, ao que sei contestada por muitos, mas que é, indubitavelmente, um novo ponto de reflexão numa questão que ainda se não esgotou. Com efeito, o conhecimento histórico e, com dobrada razão, a História Medieval, é, do meu ponto de vista, uma construção inacabada. Por isso, todos os contributos serão bem vindos na busca que deve ser de todos os historiadores, isto é, a aproximação à verdade. Como tal só acontece pelo conhecimento das mais variadas facetas dos acontecimentos, não podemos, à partida, rejeitar a informação que se nos oferece. Então, sim, entraremos na *crítica histórica*.

Vêm estas reflexões a propósito do tema que me coloca, no que se refere a uma nova leitura da datação dos *Painéis de Nuno Gonçalves*. Não sendo uma especialista no tema, nem em História da Arte, não poderei, obviamente, pronunciar-me sobre o conteúdo das suas questões. No entanto, não tenho dúvidas de que a hipótese colocada é viável enquanto caminho a explorar. Não há dúvida de que a "assinatura imprevista" está documentada em inúmeras obras de arte e não me repugna aceitar como possível a sua proposta. Importa, do meu ponto de vista, que ela continue a ser objecto de estudo, mas sem que esta necessidade queira significar uma negação da sua tese.

Desejando que a sua coragem não esmoreça no caminho que vai traçando com vista à demonstração da sua hipótese, apresento os melhores cumprimentos,

com a solidariedade e
atenção que merece

Lisboa, 2001.11.08

Almeida